

Celebrar trinta anos de vida da APH – Uma associação em movimento ...

MANUEL AUGUSTO SOARES



Comemorar trinta anos é um marco importante na vida de qualquer instituição, mas essa importância é tanto maior, quando essa instituição continua a ter uma dinâmica de crescimento, está activa e interveniente e tem uma estratégia para o futuro, como acontece com a APH – uma Associação em movimento. Comemorar para lembrar apenas o passado, quando a rotina já se instalou, as ideias cristalizaram e a actividade é diminuta, pode ser moralmente reconfortante, mas não passa de mero exercício de nostalgia.

A APH nasceu em Julho de 1976 como Secção especializada da Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal – SCAP, fundada por um pequeno núcleo de activistas composto por técnicos e docentes universitários, que galvanizados pelo fulgor do movimento associativo no pós 25 de Abril lançaram mãos à obra para congregar em torno deste projecto todos os interessados no progresso da nova horticultura, assente essencialmente no incremento das culturas protegidas e horto-industriais, quando o tomate, que vinha de finais da década de cinquenta, estava em pleno auge.

Todavia apesar do entusiasmo dos seus criadores, não foi fácil pôr de pé este projecto, que teve de vencer algumas resistências, levantadas pelo espírito corporativo e elitista de alguns, que privilegiava os títulos académicos, em detrimento do saber e da experiência de outros profissionais (regentes agrícolas), mentalidade que infelizmente e, até com mais sobrançeria, continua a estar presente na actualidade.

Felizmente que este projecto tinha um líder, que com grande visão e abertura soube ultrapassar esses obstáculos e reunir à sua volta a pequena massa crítica que então existia, construindo uma associação abrangente, onde cabiam os técnicos de todos os níveis, os empresários inovadores e naturalmente os docentes e investigadores.

Se tivesse prevalecido a ideia de sociedade científica fechada, não seríamos decerto o que somos hoje, porque nos faltavam as sinergias e a criatividade que a sua abrangência e diversidade nos proporcionaram e, prova-

velmente estaria como tantas outras, condenada a um penoso e inexorável declínio.

Esse líder foi o Prof. Carlos Portas, o nosso sócio n.º 1, e a “alma mater” da nossa Associação, mas com ele estiveram desde a primeira hora nomes como: José Dias Carreiro, Manuel Figueiredo, Carlos Frazão, José Massapina, José Barrote, Cláudio Semêdo, Weber de Oliveira e muitos outros, quase todos felizmente ainda connosco. Para os que já partiram, como José Massapina e Cláudio Semêdo aqui fica o testemunho da nossa gratidão e uma sentida homenagem à sua memória.

Desde 1979 até hoje, a APH – que passou a ter personalidade jurídica própria a partir de 1991 – realizou dezenas de eventos nacionais e internacionais, entre jornadas, encontros, colóquios, simpósios e congressos, sobre os mais variados temas no âmbito do conceito de Horticultura em sentido lato e criou uma imagem de prestígio, entre o universo de públicos muito diversificados a quem essas iniciativas se têm dirigido.

Na fase inicial, a inclusão da área de Fruticultura não foi pacífica, existindo à sua volta alguma polémica, que levou à adição do F na sua sigla, que passou a designar-se durante algum tempo por APHF. Felizmente que o conceito de abrangência com que nasceu, prevaleceu e passado algum tempo retomava à sua matriz inicial.

Em 1991 e enfrentando o conservadorismo e incompreensão daqueles, para quem a arrumação dos sectores é imutável e a Horticultura nunca poderia sair da fronteira dos legumes e hortaliças, a APH alargava o seu âmbito à Viticultura que teve como primeiro Vice-Presidente o Prof. Fernando Bianchi de Aguiar.

Nessa aproximação ao conceito internacional de Horticultura, perflhado pela International Society Horticultural Science – ISHS, de que somos membros e cumprindo um objectivo do programa eleitoral, em 2004 passou também a integrar a fileira da Olivicultura e a Floricultura adoptou a designação de Horticultura Ornamental (ambiental) ficando assim completa a nossa arrumação estrutural em cinco grandes áreas: Fruticultura, Viticultura,

Olivicultura, Horticultura Herbácea e Horticultura Ornamental.

No entanto, numa associação em movimento como a nossa, tornava-se premente continuar a crescer e a alargar as nossas fronteiras a outras áreas, transversais, complementares e afins que interagem entre si, e é nessa perspectiva que surge o nosso plano estratégico, que foi debatido ao longo de 2006 e que nos vai permitir avançar em novas direcções.

Por um lado, através da formação e acolhimento de grupos de trabalho, em áreas como a economia, o ambiente, o melhoramento, a protecção das plantas, a segurança alimentar, as culturas horto-industriais, etc.

Por outro lado, reforçar o nosso papel como parceiros institucionais da administração pública e das empresas, através da criação do Centro de Conhecimento em Horticultura (*sensu lato*) para prestação de serviços de consultadoria, elaboração de grandes estudos e projectos e acções de formação selectivas e direccionadas e, eventualmente participar no capital de outras entidades que prossigam os mesmos objectivos.

A associação da sessão comemorativa dos 30 anos da APH (secção eventos) à Visita Vitivinícola ao Norte Alentejano, traduz o dinamismo e a criatividade do jovem ramo da Viticultura, que graças ao conjunto de iniciativas que vem desenvolvendo nos últimos 6 anos, se afirmou definitivamente, levando ao reconhecimento, mesmo pelos mais cépticos, que esta fileira tem um lugar importante no seio da APH.

É óbvio que ao realizarmos esta sessão em Estremoz no âmbito deste evento, em vez de termos optado pela pompa e circunstância de um qualquer salão de Lisboa, tem naturalmente uma carga simbólica que se consubstancia em duas mensagens:

1. A APH é uma instituição de raiz nacional em que a viticultura terá cada vez mais visibilidade.
2. Privilegiamos cada vez mais a nossa ligação aos sectores profissionais e às organizações e associações de produtores, procurando debater os problemas concretos e promover a divulgação de conhecimentos e tecnologias aplicadas, junto das empresas e empreendedores, através da realização de pequenos e grandes eventos para atingir esse desiderato.

É nesta linha de rumo que a APH leva a cabo nos seus trinta anos, duas grandes iniciativas:

O I Simpósio Nacional de Fruticultura e o IV Simpósio Nacional de Olivicultura, que, estamos certos, marcarão processos de viragem nestas fileiras.

No plano internacional, onde vamos continuar a apostar, apesar da ausência até este momento de qualquer apoio

institucional, temos em marcha o X Simpósio Internacional da Pêra, a realizar em Maio do próximo ano e o VI Simpósio Internacional de Olivicultura em Setembro de 2008 e começamos a preparar intensamente em conjunto com a SECH, o 28.º Congresso Internacional de Horticultura em Lisboa em 2010.

Mas para assinalar condignamente os 30 anos de vida da nossa Associação, entendemos que deveríamos prestar uma homenagem especial ao seu núcleo de fundadores e a todos aqueles que durante estes anos se dedicaram de alma e coração a este sonho. Não podendo englobar todos neste acto, afigurou-se-nos que a maneira mais justa seria escolher um representante de cada um dos dois grandes pilares, que desde o início corporizaram este projecto. O técnico e empresarial e o da docência e investigação, que em conjunto são um património que urge defender e aprofundar na sua diversidade.

Sem demérito dos restantes a escolha teria de recair sobre os dois maiores protagonistas, que ao longo destes anos deram o melhor do seu esforço para a dignificação e consolidação deste sonho desempenhando as mais elevadas funções dirigentes: O Prof. Carlos Portas e o Eng.º Dias Carreiro. Foi pois para nós uma grande honra homenagear duas personalidades tão marcantes e inconfundíveis na vida da APH, numa cerimónia plena de afectos e de calor humano, em que recordando o passado, afirmámos o presente e desafiámos o futuro, com a mesma determinação dos seus ilustres fundadores.

Para finalizar, e ainda no âmbito das comemorações dos 30 anos da APH, e no cumprimento do nosso programa, é com muito prazer que anunciamos a criação, já no próximo ano, do Prémio Prof. Joaquim Vieira Natividade, que distinguirá um trabalho de fim de curso ou equivalente, do ensino superior agrícola, com carácter inovador e de reconhecido mérito, numa das áreas da horticultura. A Direcção da APH quis assim também perpetuar a memória do grande mestre dos agrónomos portugueses no século XX, pai da moderna fruticultura e do investigador abrangente e multidisciplinar, cujos trabalhos melhor consubstanciam o nosso conceito de horticultura (Ver «Actividade Interna»). Orgulhamo-nos de o ter distinguido, infelizmente a título póstumo, com o primeiro título de Horticultor de Honra, atribuído pela APH em 1979, três anos após a sua fundação.

As comemorações serão encerradas com uma grande exposição de cartazes dos nossos eventos e de fotografia, que terá lugar no Instituto Superior de Agronomia em Dezembro deste ano.

Como sempre, contamos com a sua presença e com o seu apoio.

